



VISÃO DO CORREIO

Instrumento da desigualdade

O agravamento da desigualdade social no Brasil provocado pelos seguidos aumentos dos preços de produtos e serviços essenciais no orçamento das famílias de menor poder aquisitivo — um dos piores efeitos da inflação alta — passa despercebido da equipe econômica. Melhor faria o ministro Paulo Guedes se optasse pelo silêncio em vez de se manifestar resignado e defensor de um custo de vida “dentro do jogo”, como ele classifica um IPCA variando entre 7% e 8%. Entender a mecânica dos aumentos faz parte das funções básicas de quem dirige a Nação, mas não se trata de tentar justificar as altas nas bombas dos combustíveis e no gás de cozinha, como fez o presidente da República, enquanto as remarcações, de fato, se espalham por várias despesas, afetando, principalmente, os mais pobres.

A Petrobras anunciou na quarta-feira a destinação de R\$ 300 milhões, em 15 meses, para subsidiar o custo do gás de cozinha às famílias em situação de vulnerabilidade social, ideia que não é nova — Fernando Henrique Cardoso criou, em 2001, o auxílio-gás. Que a medida, com impacto temporário, sirva de apelo ao próprio governo, aos políticos e formuladores de políticas públicas.

As altas de preços avançam sobre várias classes de despesa, como a energia e os transportes, alimentos e bebidas, longe de se concentrarem nos derivados do petróleo. Por trás desse avanço, o que se percebe no Brasil é que a inflação está acentuando o inaceitável fosso entre pobres e ricos, já dilatado pelo impacto da Covid-19 sobre o emprego e a renda no país.

Levantamento divulgado pelo Ipea, em setembro, revela que de janeiro a agosto as famílias de renda baixa e média-baixa arcaram com as maiores taxas de inflação, de 5,9%. Em 12 meses até agosto, o custo de vida subiu 10,6% para esse grupo da população, percen-

tual bem superior àquele medido para a classe de alto poder aquisitivo, de 8%. A pressão sobre os pobres é persistente. Os pesquisadores destacam a disparidade observada em agosto, com variações de 0,91% impostas aos consumidores de renda muito baixa e baixa ante a taxa de 0,78% para as famílias abastadas.

Na essência, existe um direito à vida digna da população mais vulnerável que está sendo negado, como também falta percepção de que o desenvolvimento econômico e social se faz com um mercado interno de consumo amplo e forte. O Brasil precisa de crescimento com redução de desigualdades, e não o inverso disso, como se vê no país, em especial, depois da pandemia de Covid-19.

O *Estado de Minas* mostrou o desabafo de consumidores de baixa renda forçados a buscar nos açougues da Grande Belo Horizonte cortes que eram desprezados como sobras nesses estabelecimentos, a exemplo de pés de galinha e cabeça de peixe, para não deixar de colocar a proteína na mesa. A auxiliar de limpeza Vera Fernandes deixou claro o sentimento de indignação: “Humilhação pra gente, que quer dar o melhor para o filho ou o neto”, afirma.

A FGS Social, braço da Fundação Getúlio Vargas, dá pistas sobre a extensão desse drama, ao estimar que para os mais desamparados, os brasileiros que vivem na informalidade, estão no desemprego ou são inativos, a renda individual média está 9,4% abaixo do nível observado em 2019, portanto, antes da crise sanitária. Entre os 50% mais pobres, houve perda de 21,5%, ao passo que os 10% mais ricos perderam 7,16%, o equivalente a menos de um terço da redução verificada na metade mais pobre da população. Os moradores do Nordeste, as mulheres que enfrentaram jornada dupla de trabalho em casa, os idosos retirados do trabalho pela exposição à contaminação pelo coronavírus são os mais prejudicados.

DIA MUNDIAL DOS ANIMAIS



-Alto lá! Primeiro, em quem vocês votaram?

>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Polarização

Bolsonaro e Lula trocam farpas e passeiam na rinha sem dar a mínima para outros possíveis candidatos. Embora falte um ano para as eleições presidenciais, dão a entender que, além deles, não existem mais adversários. A polarização entre os dois prossegue intacta e enfadonha. Sem perspectivas de acabar com ela. Lula, por exemplo, vai engordando, promovendo encontro e jantares, com políticos de diversos partidos. Joga a isca em busca de peixes graúdos. Bolsonaro, por sua vez, sem máscara, viaja e inaugura obras. O tempo passa, e caciques de partidos contrários a Lula e Bolsonaro parecem distantes da sabedoria política. Preferem seguir enfadonhos devaneios pessoais. Não evoluem coletivamente. Com farta distribuição de intrigas e acusações. Foi o que se viu nas manifestações de sábado. Com as bandeiras de partidos oposicionistas se provocando e vaias sobrando para os candidatos. Todos eles, até então, candidatos de si mesmos. Nesse sentido, escrevi nas redes, em 15 de julho. Parece que postei ontem: candidatos a granel perdem tempo em costuras que passam longe dos interesses coletivos. São políticos rodados e experientes. Eternamente fascinados pelo poder. Sem grandeza e desprendimento para trabalhar e exortar união em torno de um candidato que sensibilize e atraia o eleitorado, na disputa contra Lula e Bolsonaro.

» **Vicente Limongi Netto**, Lago Norte

Mil dias

O presidente está há mil dias buscando consertar o desastre do lulopetismo, mas é criticado diuturnamente. Se lessem mais um pouquinho, encontrariam em estudos elaborados por especialistas que, não serão necessários apenas e tão somente mil dias, mas 21.900 dias para se sanar as mazelas provocadas pela incompetência e pelas roubalheiras do nove dedos e sua gangue. Os dois assaltos vindos à baila, mais recentemente, foram junto à Caixa, que daria para construir 500 mil casas populares e a desastrosa construção do navio petroleiro João Cândido, que sequer transportou um barril de petróleo. E, não vai parar por aí. Por outro lado, o capitão está há 10.220 dias no Legislativo, mais mil dias no Executivo Federal, absolutamente incólume. A quem interessa a sua destituição? Não se faz necessário qualquer esforço mental para tal resposta.

» **Jivanil Caetano de Farias**, Jardim Botânico

Aloprados

Sinceramente, estranho as inaptas escolhas que o presidente faz para assessorá-lo. Um grupo de “alo-

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Se o gás está com o preço de 10% do salário mínimo e o auxílio emergencial é de R\$ 300, a culpa é do PT, que quebrou o país.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Quando se falou “nada é tão ruim que não possa piorar”, era uma alusão à suposta reeleição?

Marcos Gomes Figueira — Águas Claras

O avanço ao caminhão de ossos é uma das cenas mais tristes da história do país.

Vera Cruz — Asa Norte

Botaram o GDF para cuidar do transporte do Entorno... Não dá conta nem da greve do Metrô!

Sandra Regina — Ceilândia

de um estadista, com estatura moral para nos salvar.
 » **Renato Vivacqua**, Águas Claras

Ninguém tá nem aí

Segue sem resultado concreto, a solução que a área social do Governo disse que daria para a invasão de carroceiros, próxima ao Galpão do Detran, na Asa Norte. Para armar a festa de inauguração do Parque Bule Marx, ali nas imediações, o GDF deu um jeito de tirar as pessoas do local, mas hoje basta passar ali para ver que tudo voltou ao normal. Crianças correndo perigosamente perto da pista de carros, carroças e cavalos parados próximos às cabanas de lonas improvisadas. Até quando? Talvez até a hora que algum partido de oposição faça um vídeo e jogue em inserção no horário político ou nas redes sociais.
 » **Renato Nunes**, Lago Norte

Baderna na madrugada

Em BH, minha cidade natal, teve blitz dos órgãos de segurança este fim de semana para fechar bares e restaurantes que não cumprem o horário de funcionamento exigido pela lei. No Plano Piloto, em muitas quadras comerciais, ninguém respeita a Lei do Silêncio. Não é a primeira vez que uso esse espaço para cobrar do GDF uma providência. Aqui onde moro na Asa Norte, sobretudo nas quadras 208/408 e 210/410, muitos bares e boates funcionam a todo vapor até a madrugada.
 » **Elizabeth Costa**, Asa Norte



ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@dabr.com.br

Osso para matar a fome

O novo coronavírus não é só responsável pela morte de quase 600 mil brasileiros. O ataque pandêmico do vírus parou o planeta e, no Brasil, serviu, como cortina de fumaça, para encobrir o fracasso das políticas sociais e econômicas. Em mil dias, o governo brasileiro, com o auxílio da pandemia, conseguiu reinserir o país no Mapa da Fome, do qual havia saído em 2016. A miséria e a fome são uma cruel realidade para 19 milhões de brasileiros. O número de desempregados alcança taxas recordes, ao atingir mais de 14 milhões de trabalhadores e seis milhões de desalantados.

Hoje, milhares de brasileiros disputam ossos e retalhos de carnes, antes destinadas aos cães, para ingerir, minimamente, alguma proteína animal e amenizar a dor da fome. A tradicional combinação feijão com arroz atingiu valores proibitivos para enorme parcela da população. “Uma em cada duas famílias brasileiras sofre de insegurança alimentar — ou seja, seus membros não sabem, ao despertar, se poderão alimentar-se adequadamente ao longo do dia. Em apenas 12 meses, o preço do óleo de soja subiu 83,79%; o do feijão, 48,19%; e o do músculo, um dos cortes bovinos menos caros, 46,06%”, revela estudo do pesquisador holandês Jan Douwe van der Ploeg, professor nas universidades de Wageningen, na Holanda, e de Pequim, na China e parceiro intelectual de diversos movimentos camponeses pelo mundo afora, está empenhado em compreendê-lo. O estudo foi traduzido pela AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia.

Este obscuro cenário está instalado no Brasil, que se vangloria de compor a lista dos maiores exportadores de alimentos e de ter o agronegócio como um dos pilares da economia. Mas ressalte-se que entre 2019 e este ano, ingressa-

ram no Brasil 1.165 agrotóxicos. Com a mudança da classificação, de acordo com os riscos à saúde, passou de 702 para 43 (redução de 93%) o número de produtos classificados como “extremamente” e “altamente” tóxicos, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou que fossem banidos das lavouras. Além da fome, os alimentos disponíveis podem afetar a saúde dos brasileiros, que não contam, em sua maioria, com o que há de melhor nas redes públicas.

Embora o desmonte do nefasto palco exija mudanças profundas nas relações entre poder e sociedade, alguns setores organizados da população, incorporados pelo espírito de humanidade e solidariedade, estão empenhados em construir alternativas à tragédia. Buscam espaços para produzir e ofertar comida de verdade, com alto teor nutricional, à população, ou seja, alimentos livres de venenos. Entre esses grupos, está o Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (Fonsanpotma).

O Fórum existe em 14 unidades da Federação, mas começou neste ano a se instalar no Distrito Federal e Entorno, com unidades em Planaltina, no Paranoá e no município de Águas Lindas (GO), sob a coordenação da professora Edna Andrade. A proposta objetiva formar lavouras e criar animais, observadas as mais modernas técnicas da agroecologia, garantindo os legados da ancestralidade africana. A meta é criar cooperativas de produção para assegurar emprego e renda e, principalmente, ofertar comida de verdade à sociedade. O trabalho do fórum se soma ao de outras instituições, formadas por quilombolas, povos originários e organizações agroecológicas.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houera, lá chegara”
 Camões, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente		GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo	
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro	
Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes Editores executivos			
CORPORATIVO Josemar Gimenez Vice-presidente de Negócios Corporativos			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - Pr. andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022 E-mail: associados@uaigiga.com.br Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrascomunicacao.com.br Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Maranhão, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrmmultimidia.com.br Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70316-900 - Brasília/DF: (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiagu@s4publicidade.com.br Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00	R\$ 789,88 360 EDIÇÕES (promocional)
* Preços válidos para todos os estados.			
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
DA Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.		DIÁRIOS ASSOCIADOS	
Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br		DA LOG Agenciamento de Publicidade	